

**EDITORIAL**  
**PEDAGOGIAS NÃO-HEGEMÔNICAS**

Adalberto Ferdnando Inocência



**“Pedagogias não-hegemônicas”** é o tema deste Dossiê especial da “Koan – Revista de Educação e Complexidade”, editada pelo Laboratório de Educação e Complexidade (LAECO), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Campus Cianorte (PR), que nesta edição reúne artigos de educadoras e educadores que voltaram os temas de suas pesquisas às “margens” do que está cristalizado nos cânones.

Com esta terminologia, intentamos, aqui, reunir um conjunto de textos caracterizados por sua exterioridade em relação aos circuitos que ora se apresentam como hegemônicos encabeçando as pesquisas em educação no Brasil. Acreditamos que tais vertentes já ocupam um espaço bastante favorecido no estado da arte, bem como tem se caracterizado por tendências bastante consolidadas e de contornos acentuados nos circuitos da Pesquisa em Educação, como as Pedagogias Críticas ou Histórico-Críticas, as Crítico-Reprodutivistas, a vertente Histórico-Cultural, as correntes da Epistemologia Genética, ou, até mesmo, novas correntes que vêm ganhando espaços nesses circuitos, como são os casos das Pedagogias Ativas, para citar esses exemplos. Tem-se como pressuposto que em qualquer época histórica, as correntes que se cristalizaram como hegemônicas “entretéciam-se” com outras práticas ensejadas em menor grau e, talvez por isso, não capturadas, ou

mesmo não reconhecidas em seu estatuto pedagógico. Entendemos que as concepções hegemônicas das sociedades hodiernas foram, outrora, não hegemônicas, e que os movimentos que centralizam aquilo que é importante em um determinado período é histórico e, inevitavelmente, político.

Nesse sentido, de forma alguma nos opomos à importância que as correntes supracitadas angariaram e tem angariado para os setores educativos, ou mesmo abandonamos a assertiva de que é preciso ser crítico e entender-se como sujeito que participa e interfere na história. Contudo, ao entender Pedagogias, no plural, o presente dossiê visibiliza “olhar” para abordagens que não se consolidaram no estatuto de hegemonia oferecido pelos espaços acadêmicos e, conseqüentemente, dizem respeito a perspectivas que não se “encarnaram” na prática educativa ou o fazem, tão somente, “pelas fronteiras”. Deste modo, lemos como potentes as variações da Pedagogia em setores ainda pouco explorados pelos currículos formais, ou para as Pedagogias que estão para além dos espaços escolares (hospitalares, empresariais, carcerárias etc.).

A presente edição também esteve aberta a Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e Trabalhos Finais de Graduação (TFG), por entender as políticas da maior parte de periódicos como excludentes, haja vista a exigência de titulações exigidas durante as fases de submissão. Entendemos que tal exigência pode tolher perspectivas interessantes e imprescindíveis na composição da ideia de não-hegemônico aqui valorizada.

Assim, os textos que se seguem atravessam (e são atravessados) tanto por práticas fronteiriças que ocuparam os lugares institucionalizados, quando por práticas que aconteceram fora desses espaços.

No primeiro artigo, Marta Bellini aborda aspectos das pedagogias não hegemônicas como fundamento de processos pedagógicos na perspectiva da complexidade, envolvendo disputas teóricas com base no livro de Hugo Assmann, ensejando metáforas para reencantar a educação.

O texto de Verônica Borguetti Doro teve como objetivo pensar as contribuições da Psicanálise de Freud para o campo teórico da Gestão Escolar no Brasil. A autora translada o Paradigma da Teoria Geral da Administração, bem como o Paradigma da Especificidade da Escola, para apontar que essas investigações possuem um caráter prescritivo e modelar.

Em parceria, Alexandre Luiz Polizel e Moisés Alves de Oliveira utilizam das teorias (pós)críticas, e suas influências dos movimentos minoritários a fim de pensar educações para as sexualidades. O objetivo do texto foi o de apresentar linhas constitutivas das pedagogias culturais no seriado televisivo *Sex Education*, pensando-o como um artefato cultural capaz de ensinar formas de ser e estar no mundo.

O artigo de Pedro Augusto Petersen, Marina Ribeiro de Almeida e Fabiane Freire França, teve por objetivo investigar as possíveis interpretações de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II, da Educação Básica, sobre o desenho “Steven Universe”. O autor e as autoras basearam-se nos pressupostos da *Teoria Queer* e da construção de identidades e pós-identidades para analisar os discursos presentes no desenho.

Josiane Angélica Mendes e Kátia Kazuko Nishizawa abordaram a Pedagogia Waldorf como fundamento capaz de pensar as inquietações causadas pela crise contemporânea da escola, caracterizada pela fragmentação e modo impositivo de ensinar seus alunos. Argumentam que os aspectos filosóficos da Antroposofia contribuem para uma nova educação que não se tende apenas à dimensão intelectual, mas às dimensões anímicas e espirituais.

Também abordando a Pedagogia Waldorf, outra parceria, a de Renata Elvira Canedo e Francine Marcondes Castro Oliveira, objetivaram analisar os aspectos recorrentes de artigos brasileiros, especializados na Educação Infantil da Pedagogia Waldorf, disponíveis por meio da ferramenta “Google”, publicados de 1999 a 2019. Com base nessa investigação, as autoras argumentam que há carência na apresentação de fundamentos da Pedagogia Waldorf.

Por fim, Elni Elisa Willms e Thaís Cristina Pessoa Ramos narraram algumas potências do brincar livre que se desenvolveram no âmbito do Projeto de Extensão da Brinquedoteca. O texto aposta que o viver e compreender o brincar livre propicia programas performativos para os sujeitos envolvidos – crianças e adultos.

Desejamos uma boa leitura!